

22

Sessão de 7-3-1934

Aos mortos da carne

I

Na vida transitória da matéria
 Julgava os homens corpos putrefactos,
 Produtos de elementos corruptos,
 Agregações de humores e de miséria.

É a alma? Função da carne deletéria
 Cheia de instintos lubricos, imatos,
 Conduzia-me a análise dos factos
 Em sua enganadora periphéria.

O cérebro era o centro aonde eu via
 Gerar-se a força plásmica do "plexus"
 A candeia onde a luz se asphixia.

Resolvía os problemas mais complexos
 É a própria luz da vida eu resumia
 Na confusão erótica dos sexos.

II

Depois eu vi meus membros sarcomidos
 Transformarem-se em humores fecundantes,
 Em fibras e fadas repugnantes
 Na mansão noturnal dos esquecidos.

É vi desagregarem-se os tecidos
 Transubstanciados e nauseantes,

Tendões e nervos, ossos perfurantes,
Vegumentos de tena apodrecidos.

Conhecendo-me prático, esquelético,
Levantei-me — figura de apoplético —
Congestionado em turbida agonia.

Apalpei os meus órgãos, assombrado,
E sendo a mim e ao corpo desmorado
Constatei que a minha alma ainda vivia!

III

Reconheci que a vida que eu vivera
De misanthropo cego pela sciencia,
Em que neguei do espirito a existencia
Era a prova do mal que eu concebera.

Reneguei as lições que eu aprendera
Com o raciocínio em degenerescencia,
Refundindo o clarão da intelligencia
Na bondade do bem de quem descrevera.

E despregando o bistrun de ideia,
Exalto agora a inútil e propeia
Da exaltação que empolga os dias meus;

Vindo clamar a toda a humanidade: —
"Esquecei-vos da torva iniquidade!
Atay da sombra existe a luz de Deus!"

A. dos Anjos